TL6447-2

TESTEMUNHO SOBRE AS"ELEIÇÕES"DE 1982

Em 1982, os invasores indonésios tentaram representar a mesma farsa realizada na Nova Guiné Ocidental. Mais uma vez, em 1982, em Timor-Leste foi uma farsa descaradamente organizada, quase infantil o modo como se comportaram. As "eleições livres" de 1982 em Timor-Leste foram fabricadas, propositadamente ambíguas, de duplo objectivo, sem nenhum valor. Para nós, timores, foi imposta a "eleição livre". A propaganda indinésia nesses dias proclamava a "liberdade" que os timores receberam, o "direito" que gozam, esse de votos nas "eleições" de 1982.

As eleições para o DPR indonésio, votando nos três partidos do país invasor, que sentido tinha para nós?

Para o mundo internacional: as eleições foram apresentadas pelos indonésios como a expressão da livre vontade do povo de Timor-Leste, que queria integração, etc..

1. Preparativos das "eleições livres"

Ao longo destes quase onze anos de guerra, já tantas listas, tantos recenseamentos se fizeram a todos os níveis: de aldeias, vilas, postos, concelhos e "província". Para as eleições, novas listas, novo recenseamento: renovação do KTP, inscrição das famílias, o que custava dinheiro e mantinha a população numa angústia e terror constantes por causa do contínuo e indesejável contacto com os militares.

Os militares quiseram assegurar a vitória do GOLKAR. Toda a entrada em Timor-Leste, mesmo de indonésios, era controlada. Ninguém entrava para fazer "campanha". Quem escreve estas linhas foi preso, como estudante que regressava para férias, meses antes das tais eleições, para ser interrogado.
Uma das perguntas era sobre a campanha, por qual partido ia votar, por qual falaria.

Os representantes dos outros dois partidos - era só para a fachada, porque tinham estabelecido que o GOLKAR devia vencer e em Timor-Leste devia ter a maioria absoluta.

Prisões arbitrárias de quem não tinha KTP em ordem; nas vilas do interior, vigilância nocturna ("jajas") acentuou-se sua frequência e controle indonésio. Toda vida paralizada: longas filas, grandes multidões para o aleitamento; hortas abandonadas; tudo concentrado:"Surat plan" muito mais paertadamente concentrado.

Houve "campanhas"de esclarecimento dos "3 partidos". Em Dili quiseram envolver também alguns padres na "campanha", que era tudo uma farsa be- orquestrada conduzida pelos militares. Tiveram o cuidado de atacar a Fretilin nessas camapnhas, de dizer que não existia mais, etc.
O autor deste testemunho esteve presente em camapnhas no interior e em Dili; e assistiu às "eleições" em Dili.

Outra actividade: todos os homens e rapazes deviam sair a limpar, capinas o capim da estrada, isto tanto em Dili como nas vilas do interior - limpeza. Funcionários também não escapavam. Vigilância nocturna em Dili foi reforçada, com o toque do sino das horas, como de costume.

Em Dili e no inetrior longos cortejos de "manifestação de contentamento". Por exemplo em Viqueque. Todo o povo das aldeias vizinhas da vila, outras mais distantes, todo reunido na vila para uma manifestação de apoio ao GOLKAR, presidida pelos militares. com os seus "catalizadores timores". Distribuíam bandeirinhas, punham o povo todo em massa a ouvir esclarecimento durante o dia inteiro (para isso o povo devia vir na véspera com todos os cuidados e perigos que isso comportava). À tarde o cortejo à volta da vila, gritando "viva Indonésia", "viva Suharto", "viva Golkar", "viva Timtim". Havia quem fazia de repórter e jornalistas para a ocasião, operadores de televisão. Os discursos eram preparados pelos militares ou corrigidos por eles. O Mariano Lopes dizia em público vivas "à grande e gloriosa nação indonésia", enquanto vinha aos amigos dizer outras coisas. O Mariano Lopes foi dos que mais se netrgaram à causa indonesiana.

Gostaria de dar uma nota sobre a atitude do povo, o simples povo, "iletrado" da montanha de Timor-Leste que resistem: sacrificado, sofrendo tantas privações e dificuldades - foi sempre o que foi. Sereno, Digno, Corajoso, Solitário mas Solidário com os camaradas da Resistência.

O povo em massa, controlado pelos militares (que tinham es-

vaziado as casas e obrigado toda a gente a participar) seguia os que dirigiam o caso, caminhando com o passo pesado, mas firme e seguro, lento. Com a mão direita, imóvel, levantavam e de vez em quando agitavam a bandeirinha, aquele farrapo bicolor. Com a esquerda, segurava alguém, a mulher ou o filho. Sua boca repetia os slogans que ele vomitava logo ao repeti-los: "viva Indonésia, viva integração".

2. Preparativos próximos

1. Revista militar às casas. Assisti e vivi isso em Dili e também no interior. Soube que noutras regiões se fez o mesmo. Não era certa a hora da "visita": de madrugada (sempre apresentavam algum motivo para isso), ao meio-dia ou à tardinha.

2. Construções daquelas casas-tenda no campo da vila. Era o povo forçado a construir isso. Sem ser pago. Era obrigatório cada aldeia fornecer seu pessoal.

3. Quando era preciso mudar de sítio (falo do interior do país) para fora da vila "por razões de segurança" (!) era o povo de novo que era assim tratado como burros de carga, escravos para todo esse trabalho inútil, a fazer isso. As hortas abandonadas. E ainda as "jajas" nocturnas. O facto só de fazer o "penilu" (eleições) já cria o terror: rodeado de floresta, concentrada a população num campo aberto - ameaçam e obrigam depois a população a votar no Golkar.

4. Treino da "eleição": era preciso fazer o "ensaio geral". Os militares indonésios "ensinavam" a fazer a "eleição" e a escolher bem, o melhor: Golkar. Introduzir o cartão na caixa do Golkar.

5. Militares em prevenção: tanques e helicópteros militares, aviões militares todavia desapareceram de Dili. Estavam só alguns "hansips" de guarda, para a "segurança cicil". Queriam dar a impressão de liberdade. Mas tudo estava organizado para ser como eles queriam. Quem tentou votar noutros, apanhou pancadaria. Quem não foi "votar" recebeu "visitas" mas neste momento não tenho à mão dados mais concretos sobre nomes dessas pessoas.